



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,  
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Antirracismo e Serviço Social**

## **GINGA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**ALINE FARDIN PANDOLF<sup>1</sup>**

**YASMIN GOMES PINHEIRO<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Neste relato vamos demonstrar como o projeto de extensão Ginga na Escola se corrobora numa experiência antirracista na formação em Serviço Social. É desenvolvido pelo PET e discute as revoltas do período colonial. Através da revisão bibliográfica, o relato está dividido em duas seções: 1. tratamos dos fundamentos com destaque para a questão étnico-racial; 2. demonstraremos os aspectos do Ginga na Escola que sustentam essa experiência como uma atividade antirracista.

**Palavras Chave:** Ginga na Escola, antirracismo, Serviço Social.

### **ABSTRACT**

This report has the target to demonstrate how the extension project Ginga na Escola contributes as an antiracist experience in the formation of Social Work. Is developed by the PET and takes the discussion of the riot during the colonial period. We use the bibliographic review, is divided by two sections: 1. we will point out talking about the racial-ethnic point; 2. we are going to show the aspects of Ginga na Escola which support this experience as an activity about the antiracist perspective.

**Keywords:** Ginga na escola, antiracism, graduation in Social Work.

### **Introdução:**

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo

A experiência do *Ginga na Escola* tem contribuído de maneira importante para formação de estudantes da Universidade que, em contato com estudantes do ensino fundamental e médio, têm refletido sobre a questão étnico-racial e sua relação com o Serviço Social.

A proposta para realização deste projeto se iniciou ainda com o Plano de trabalho da Tutoria do PET- Serviço Social e, a partir do ingresso no programa e em diálogo com as estudantes, foi possível iniciar o planejamento dessa atividade. Seu registro na instituição de origem como *Projeto de Extensão* ocorreu em junho de 2023.

O projeto *Ginga na Escola* tem por objetivo levar a discussão étnico-racial desde uma perspectiva antirracista para crianças e adolescentes das escolas públicas. Através do ensino e da extensão possibilita a reflexão sobre as lutas e resistências do povo negro durante o período colonial no Brasil. Dentre as formas de resistência do povo negro neste período abordamos a formação dos quilombos, a Insurreição de Queimados, a Balaiada, o Quilombo de Palmares, a Revolta dos Malês, e outras. Além destas, abordamos a origem da Capoeira como uma das formas de resistência deste período.

A roda de capoeira e o ofício dos Mestres de Capoeira foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2008 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) (IPHAN, 2023). A 9ª sessão do Comitê para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial declarou a Roda de Capoeira Patrimônio Imaterial da Humanidade, desde 26 de novembro de 2014 (UNESCO), (IPHAN, 2023). Neste sentido, muitas são as produções científicas que estudam a capoeira desde uma perspectiva educacional, formativa, principalmente na área da Educação Física. Há também estudos que buscam uma análise desde a perspectiva *decolonial* (NETO; FILHO, 2024).

A partir da experiência deste Projeto de Extensão, nossa intenção neste relato de experiência é demonstrar como o *Ginga na Escola*, projeto que inclui a capoeira como uma das expressões de resistência no período colonial, é uma experiência antirracista na formação em Serviço Social.

Para isso, iremos abordar inicialmente a relação entre este projeto e os fundamentos do Serviço Social brasileiro. Este, há alguns poucos anos iniciou reflexões mais densas sobre o racismo, fomentando pesquisas e aprofundando teoricamente estudos que tratam do racismo como fenômeno que atravessa a sociabilidade capitalista e é um dos determinantes de sua lógica de acumulação de capital. Importante destacar sobre isso a produção do CFESS (Conselho Federal



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

de Serviço Social), qual seja o Caderno 3 *Assistentes sociais no combate ao preconceito: racismo* (CFESS, 2016), bem como a produção da ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social) *Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social* (2018). Há ainda a formação da *Frente Nacional de Assistentes Sociais no Combate ao Racismo* em 2020. Além destes documentos, há teses, dissertações e pesquisas difundidas na atualidade, que nos permitem maior apropriação teórica do fenômeno do racismo e sua interface com o Serviço Social. Embora a posição política antirracista já estivesse explicitada em nosso Código de Ética desde 1993, o aprofundamento teórico e sua interface com a profissão é recente (PANDOLFI, 2023).

Neste sentido, este relato de experiência visa seguir a trilha já em curso em nossa categoria profissional, rumo ao conjunto das produções científicas antirracistas para subsidiar a formação profissional e ao mesmo tempo comprometidas com as lutas anticapitalistas. Estas em chão africano e latino-americano, foram atravessadas pelas lutas anticoloniais, contra a escravização.

Além desta introdução e das conclusões, o texto que segue está subdividido em mais duas seções de discussão. A partir de revisão bibliográfica, na primeira, abordaremos os fundamentos do Serviço Social considerando as formulações que dialogam com o debate étnico-racial. Na segunda, demonstraremos como o projeto de extensão *Ginga na Escola* tem significado uma experiência antirracista na formação de estudantes do PET e nas escolas públicas onde tem sido realizado. O projeto foi sistematizado em documento apresentado à instituição de ensino, bem como conta com relatórios de avaliação das atividades formulados pelo próprio grupo e também apresentados à instituição.

## 1. Fundamentos do Serviço Social e a questão étnico-racial

O Serviço Social é uma profissão que atua na reprodução das relações sociais capitalistas, ao mesmo tempo em que confronta, enquanto categoria (que integra a classe trabalhadora), o capital e suas formas de comando sobre o trabalho. Ao longo da história da profissão no Brasil o Serviço Social atinge seu reconhecimento quanto a produções científicas e como área do conhecimento mediante o desenvolvimento dos programas de pós-graduação ao longo da década de 1980 (OLIVEIRA, 2023). Neste caminho, adensou estudos e pesquisas que tratam de nossa inserção nas instituições da sociedade brasileira, sobretudo quanto a política social e a disputa pelo fundo



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

público (BOSCHETTI; BEHRING, 2010). Para além da mera reprodução alienada das relações de produção capitalistas, e, mesmo nos limites dos espaços institucionais dessa sociabilidade, enquanto categoria apreendemos o sentido de formas de “rebeldia” (IAMAMOTO, 2007). Estas manifestam-se na intervenção cotidiana comprometida com os direitos da população, na formulação de projetos e nos conteúdos de documentos técnicos (relatórios, estudos sociais, pareceres), através dos quais ousamos arguir para além da mera reprodução dos ditames institucionais.

Desde o Congresso da Virada e da maturação do projeto ético-político profissional o comprometimento com aqueles e aquelas que vendem a força de trabalho ganha contornos nítidos e atravessa a produção científica na área, demonstrando uma apreensão da relação de classe e suas contradições, presentes em nosso trabalho profissional. Portanto, nos termos de Lowy (2007), essa *visão de mundo da classe trabalhadora* resulta da apropriação teórico metodológica marxista e passa a compor nosso projeto ético-político profissional e se objetivar na dimensão técnico-operativa (PANDOLFI, 2023).

É a partir da intervenção na questão social e suas expressões que compreendemos este movimento. As manifestações da questão social, embora nítidas na sociedade capitalista, não podem ser compreendidas em sua imediatez. A pobreza absoluta e relativa, a elevação do desemprego, o analfabetismo em pleno século XXI, evidenciam a existência de profundas desigualdades na forma social de maior desenvolvimento das forças produtivas. A reprodução da questão social (e de suas expressões) é compreendida a partir do aprofundamento da *lei geral da acumulação capitalista*, conforme descrita no capítulo XXIII d’O Capital. O processo incessante de acumulação de capital só é possível através da exploração do trabalho via apropriação do tempo de trabalho não pago dos trabalhadores pelos capitalistas Marx, ([1867], 2017a). Este processo revela a tendência ao empobrecimento da classe trabalhadora frente à concentração e centralização de capitais no capitalismo contemporâneo, de modo que um contingente populacional significativo da classe trabalhadora vai se tornando supérfluo para o capital em termos relativos, elevando o desemprego e a miséria Marx, ([1867], 2017).

O contingente populacional da classe trabalhadora restrito aos bolsões de miséria, é denominado por Marx ([1867] 2017a) de *lumpemproletariado*, sendo este o segmento com mais baixo acesso à riqueza socialmente produzida. Um conjunto da classe trabalhadora em condição de miséria formada por: *aptos ao trabalho, órfãos e filhos de indigentes e os incapacitados para o trabalho*



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

(Marx, [1867], 2017a; Lara; Maranhão, 2019). Este processo deve ser entendido por uma perspectiva de classe, não apartada das relações de gênero/ sexualidade e raça-etnia, pois na dinâmica do mercado de trabalho capitalista o racismo, o sexismo, a misoginia e a transfobia foram incorporadas como parte do mecanismo de exploração (determinado por opressão), que condiciona determinados estratos da classe trabalhadora à não inserção neste mercado de trabalho ou a uma inserção nas piores condições. Assim, uma parcela determinada da classe trabalhadora ocupa as fileiras inexauríveis do exército industrial de reserva, ou ainda o *lumpemproletariado*.

Este debate mais geral precisa também ser compreendido no tempo e no espaço. A condição particular do Brasil no capitalismo mundial é marcada por uma relação de exploração e extração da riqueza característica da região latino-americana a colonização - desde os primeiros processos de produção de monocultura e apropriação do excedente via trabalho escravizado, estabelecendo na dinâmica do capitalismo mundial uma relação de dependência (GALEANO, 2000; MARINI, 2017). Após quase 400 anos de escravização da população negra no Brasil, se forjou uma classe trabalhadora heterogênea, com desigual acesso à riqueza socialmente produzida e quanto ao reconhecimento da condição de sujeitos de direitos no país (MOURA, 2021; GONÇALVEZ, 2018).

Conforme indagou Gonçalves em 2018, diante deste longo processo histórico e de pesquisas e estudos inegavelmente existentes sobre o tema, “[...] qual a razão do Serviço Social ainda permanecer tímido com relação a abordagem da questão racial e de sua face mais cruel: o racismo naturalizado nas práticas institucionais cotidianas?”, Gonçalves (2018, p. 515). Há ainda as questões feitas por Rocha (2009) e retomadas no documento da ABEPSS: a ausência do debate étnico-racial nos currículos acadêmicos compromete a formação e o exercício profissional que combata práticas discriminatórias e preconceituosas? O desconhecimento das expressões da ideologia do racismo reforça práticas racistas? Quais as dificuldades das assistentes sociais diante do racismo institucional e as violações de direitos decorrentes do racismo? (ABEPSS, 2018). Estas importantes indagações têm sido debatidas na área através de inúmeras pesquisas e formulações recentes sobre o tema, já evidenciando o início de uma longa caminhada.

Se a visão de mundo da classe trabalhadora passou a compor o projeto ético-político profissional, nossas formulações, pesquisas e nossos processos de trabalho, os elementos de raça e gênero/ sexualidade ficaram bem mais restritos às linhas dos princípios VI e VIII do nosso Código de Ética de 1993. No VI está previsto o “*empenho na eliminação de todas as formas de preconceito,*



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

*incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças*"; o princípio VIII afirma a *“opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero”*, Código de Ética Profissional (1993).

É através da ABEPSS e dos GTP (Grupo Temático de Pesquisa) da ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social) que se estabelece uma direção quanto aos conteúdos atinentes à formação profissional em Serviço Social. No XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS), em 2010, foi criado o GTP “Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração, Sexualidades.”, importante espaço de análise sobre as mulheres, a população LGBTQIAPN+<sup>3</sup>, negros, negras e suas condições de vida na sociedade capitalista (OLIVEIRA, 2023; ELPÍDIO; VALDO, 2022). Conforme afirma Oliveira (2023, p. 121), “[...] essa conquista é oriunda das demandas dos próprios sujeitos coletivos da sociedade que, por meio de diversos movimentos sociais, passam a reivindicar, historicamente, reconhecimento e direitos sociais [...]”. Assim, passam a compor, não desvinculados de uma totalidade, as pesquisas e produções do Serviço Social brasileiro na quadra histórica mais recente.

Conforme apontou Elpídio e Valdo (2022, p.321), o debate capaz de articular o legado crítico da profissão em nosso país é coerente com o antirracismo, que, “[...] certamente agrega elementos que não separam: História, teoria e método.” Portanto, a incorporação do antirracismo no nosso fazer profissional, nas nossas produções científicas e no campo da articulação política é parte da nossa compreensão não endógena dessa profissão, é parte do “Serviço Social na história” (ELPÍDIO; VALDO, 2022).

É a partir das próprias Diretrizes Curriculares de 1996 que temos a compreensão das relações étnico-raciais desde uma perspectiva que articula os determinantes da vida social na sociedade capitalista, as determinações da própria realidade brasileira e seus efeitos na formação e no trabalho profissional do Serviço Social. Se a reprodução do racismo está em todas estas esferas, se o estamos compreendendo também como resultado da branquitude, sendo este um importante mecanismo de dominação presente em nas nossas relações sociais, desde uma análise dialética e, no polo oposto, está, desde o período de colonização passando por formas particulares, o *antirracismo*.

---

<sup>3</sup> A sigla **LGBTQIAPN+** representa diferentes identidades de gênero e orientações sexuais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Os fundamentos das diretrizes desde o método em Marx nos direcionam à negação da questão racial como elemento que se refere a um segmento populacional específico, sem fazer a articulação desta com a lei geral da acumulação capitalista e as determinações particulares do capitalismo, de “[...] forma rasa e imprecisa, sendo preza fácil, de ardis armas ideológicas do racismo, expressas também no racismo acadêmico. Em especial, frente ao viés que desarticula o debate em relação à classe social” Elpídio e Valdo (2022, p.322).

Os Subsídios sobre *a questão Étnico-Racial na Formação em Serviço Social da ABEPSS* e a recente *Plataforma Antirracista*<sup>4</sup> expressam o esforço coletivo desta entidade em incorporar pesquisas que abordam a questão étnico-racial desde uma perspectiva crítica na formação profissional, para que o antirracismo seja parte intrínseca do trabalho das assistentes sociais e manifesto em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Conforme previsto no próprio documento, é este debate incorporado desde o tripé acadêmico que permitirá avançarmos numa formação antirracista.

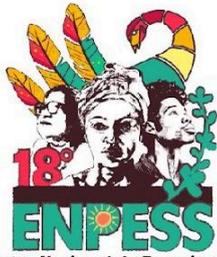
São os objetivos do documento da ABEPSS (2018, p.12):

- A) Objetivo geral: oferecer subsídios para a inclusão e o **fortalecimento do debate da questão étnico-racial**, contribuindo para uma **formação em Serviço Social antirracista** a partir do desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e **extensão** (graduada e pós-graduada);
- B) Objetivos específicos: evidenciar a necessidade sócio-histórica do debate acerca da questão étnico-racial na formação em Serviço Social, na perspectiva de totalidade; subsidiar conteúdos programáticos aos currículos de Serviço Social para implementação de disciplinas obrigatórias, optativas, laboratórios e oficinas na graduação e linhas de pesquisa e disciplinas na pós-graduação; direcionar e fomentar atividades de educação permanente aos profissionais, docentes e discentes, articulando trabalho e formação; estimular a criação de grupos de pesquisa e de produção de conhecimento na formação graduada e pós-graduada.

É com base nas premissas destes subsídios que temos planejado e implementado atividades numa perspectiva antirracista no curso de Serviço Social, sobretudo através da importância que cumpre o grupo PET - Serviço Social.

---

<sup>4</sup> A Plataforma é um importante espaço que reúne artigos, livros e produções diversas do Serviço Social e de áreas afins sobre a questão étnico-racial. Disponível em: <  
<https://www.abepss.org.br/subsidiosparaodebateetnicoracial-94> >. Acesso em: julho, 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

O PET Serviço Social realiza ações voltadas para a graduação, para a comunidade externa e para a categoria profissional de Assistentes Sociais, tendo em vista o tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão). A partir do projeto ético-político da profissão definimos todo ano um eixo orientador das nossas atividades e, em 2023, definimos o eixo *Gênero, Raça e Classe*. A partir deste eixo foram planejadas todas as atividades do ano. O *Ginga na Escola* se corrobora como uma atividade extensionista iniciada naquele ano, mas que possui uma continuidade devido ao interesse das/ dos estudantes. Ao levar uma reflexão antirracista para as escolas públicas aos arredores da Universidade, trabalha as relações étnico-raciais a partir de uma “visão de mundo” que confronta a narrativa colonialista da história, partindo da lógica da luta de classes. O projeto traz à tona as revoltas do período colonial e a capoeira protagonizadas por pessoas negras como expressões da luta de classes contra o colonialismo e a exploração escravista. Vejamos essa experiência mais de perto.

## **2. O *Ginga na Escola* enquanto experiência de extensão antirracista**

Os registros históricos evidenciam a existência da capoeira no Brasil desde o século XVII, durante a colonização e escravização no país. Segundo informações do IPHAN (2023), sabe-se que foi constituída como forma de solidariedade e sociabilidade entre africanos escravizados no Brasil. A partir da capoeira, as pessoas escravizadas treinavam uma forma de luta disfarçada de dança, que contribuía com as revoltas para libertação no período (NETO; FILHO, 2013; SODRÉ, 2002). É comum nas narrativas que abordam sobre o período colonial uma visão que reproduz o colonialismo, que coloca o negro como pacífico e dócil, deixando de lado a história de luta de classes que ocorreu ao longo do período da escravização no Brasil (MOURA, 2021; MOURA, 2022).

A premissa que fundamenta o *Ginga na Escola* é exatamente esta que parte da narrativa da história pelos protagonistas das lutas, considerando o intenso processo de luta de classes que marcou o período colonial no Brasil, conforme bem indicaram os estudos de Moura (2021; 2022).

No texto de 1848 de Marx e Engels, o Manifesto Comunista, a luta de classes é a luta “*entre homem livre e escravizado, patrícios e plebeus, entre senhor feudal e servo, entre mestre de corporação e aprendiz, em resumo, opressores e oprimidos*” (MARX; ENGELS, [1848] (2002). Ou



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

seja, nessa perspectiva, a luta de classes é a luta dos oprimidos contra opressores, em processo de exploração do trabalho alheio e apropriação do excedente de uma classe sobre a outra, nas mais diversas formas de sociedade.

Nessa linha, a primeira ação como processo de preparação para a realização deste projeto de extensão foi uma formação sobre o tema, a partir da qual tivemos um panorama sobre a história e memória das lutas antirracistas no Brasil. Recuperamos aspectos das obras de Clóvis Moura que tratam dos estudos sobre a resistência coletiva e organizada do povo negro no período da escravização. A partir disso, formulamos a atividade pensando em tratar de algumas das revoltas deste período, no sentido de levar esta reflexão numa perspectiva antirracista.

O projeto leva para as escolas públicas uma discussão sobre as revoltas do período colonial, seguida de uma oficina de capoeira. A atividade no geral está organizada da seguinte forma: inicialmente realizamos discussões sobre o período colonial e as formas de resistência do povo negro, dentre estes a formação dos quilombos no Brasil, as revoltas e a origem da Capoeira. Trabalhamos com música, imagens, com a produção de textos e desenhos, a depender da faixa etária dos estudantes. Após a discussão e apresentação dos debates pelos grupos, ocorre a oficina de vivência de capoeira para possibilitar um primeiro contato das crianças e adolescentes com a capoeira - hoje considerada uma expressão cultural afro-brasileira (IPHAN, 2023).

O projeto possui caráter extensionista, pois possibilita a troca de conhecimento e discussões entre estudantes do PET - Serviço Social e os estudantes de escolas de ensino fundamental e médio onde se realiza. A atividade ocorre no espaço físico da escola, em quadra e em outros ambientes externos.

Em geral, previamente articulamos com um Professor de história ou outra disciplina, que em sala de aula inicia um diálogo com os estudantes para prepará-los para a atividade com o PET. Em alguns locais estes professores já fazem uma introdução do tema em sala de aula, por vezes realizando reflexões sobre a questão étnico-racial desde o ponto de vista histórico, político ou conceitual. Nas escolas onde a preparação prévia dos professores ocorreu a atividade foi melhor recebida pelos estudantes.

A atividade aconteceu em 4 (quatro) escolas, com faixa etária de estudantes de 10 a 17 anos, além de 1 (um) atividade que ocorreu na universidade para a graduação em Serviço Social, somando mais de 200 estudantes participantes. Além das escolas de ensino fundamental, também realizamos o *Ginga na Escola* em uma escola de ensino médio e uma outra intervenção

se deu dentre as atividades do período da Greve Docente Federal (abril a julho de 2024), conforme vamos explicitar pontualmente abaixo:

### 2.1. O Ginga com o Ensino Fundamental I e II:

As escolas de ensino fundamental seguiram, metodologicamente, o mesmo esboço. O grupo PET Serviço Social composto de 12 estudantes bolsistas foi distribuído em duplas em 6 grupos. Nestes grupos conduziu-se o debate sobre a questão étnico-racial desde uma perspectiva antirracista discutindo algumas revoltas do período colonial. Além das 2 (duas) pessoas do PET cada grupo foi organizado com em média 10 a 12 estudantes da escola. Os cartazes foram produzidos a partir da Revolta que cada grupo estava responsável, sendo elas a Revolta dos Malês, Insurreição de Queimados, Greve dos Queixadas, Balaiada, Quilombo dos Palmares e Revolta da Chibata. Nos grupos foi realizada discussão entre os participantes conduzida pelas estudantes do PET responsáveis por cada uma dessas Revoltas, a partir de textos explicativos e de imagens representativas da época. Os cartazes foram elaborados com essas imagens, cores e um resumo, de acordo com o entendimento do grupo. Os cartazes ficaram na escola, expostos em locais públicos, para conhecimento de outros sujeitos do ambiente escolar, que não fizeram parte diretamente da atividade.

Dentro da metodologia, foram separadas perguntas norteadoras para iniciar a atividade, como: O Brasil foi descoberto ou invadido? Houve resistência no período da invasão portuguesa? O que é a capoeira para vocês? Assim como questionamentos sobre a história contada, levando a perspectiva antirracista. A atividade, por consequência, potencializa e reconta a história da colonização e da luta de classes protagonizada pelos negros no Brasil, abordando elementos de resistência, como: os quilombos, as religiões de matriz-africana (como o candomblé e a umbanda), o samba, o jongo, o congo, a capoeira, o maculelê e outros, que revelam o caráter de resistência física, de classe e cultural.

Em 7 de Junho de 2023 foi quando ocorreu a primeira experiência do *Ginga na Escola*, numa escola de ensino fundamental da região metropolitana, com 70 alunos, com idades entre 11 e 13 anos, turmas de 5º e 6º ano do Fundamental 2, que aderiram expressivamente à atividade. Para iniciar, fizemos uma dinâmica chamada *Epo Etata*, com o intuito de socializar os estudantes com o grupo e dar início ao significado da capoeira e das lutas. Esta dinâmica consiste em uma dança, a partir de uma música que expressa a necessidade de diálogo entre diferentes povos que precisavam se comunicar, sendo eles “Epo”, “Etata” e “Eê”. A ideia da dinâmica é criar um espaço



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

em que as pessoas possam ser diferentes, seja na cultura, etnia, pensamentos, etc. e que respeitar essas diferenças permite estabelecer relações na escola, em casa, no espaço público em geral. Após a dinâmica, iniciamos a discussão nos grupos, notou-se envolvimento das crianças e interesse por compreender mais sobre as revoltas e sobre as lutas desde a formação dos quilombos (MOURA, 2022). Os estudantes se dedicaram à produção dos cartazes, resultando em produções de desenhos e escritas expressivas e representativas de cada uma das Revoltas. Também foi expressiva a participação na oficina de capoeira e, na ocasião, da Roda de Capoeira. Neste momento, dialogamos sobre a origem da capoeira, sobre seu surgimento numa perspectiva de ser luta disfarçada de dança, como mecanismo de treinamento da população escravizada para à fuga e formação de quilombos (IPHAN, 2023; NETO; FILHO, 2013).

Após essa primeira experiência, o grupo propôs para outra escola de ensino fundamental a atividade, que ocorreu em 3 de outubro de 2023. A faixa etária dos estudantes era entre 13 e 15 anos, que frequentavam o 7º e 8º ano do Fundamental 2. Sendo desta faixa etária, avaliamos nesta atividade que os estudantes aderiram muito bem à confecção de cartazes, demonstrando amplo interesse na ocasião da socialização dos resultados do trabalho com cartazes. Os estudantes fizeram perguntas sobre o tráfico negreiro, o processo de escravização no Brasil, bem como sobre os debates em torno da questão étnico-racial. Portanto, a partir da primeira materialização da atividade, o grupo conseguiu dialogar mais e acrescentar informações sobre cada forma de resistência e luta na metodologia da atividade. No momento da atividade de oficina de capoeira e da roda, os estudantes demonstraram menor interesse, se comparado à intervenção anterior, embora em sua grande maioria tenham participado da oficina. Ao mesmo tempo, demonstraram muita atenção quanto às discussões referentes à capoeira e seu significado como forma de luta disfarçada de dança para enfrentamento ao processo de escravização.

Após avaliação da atividade *Ginga na Escola*, decidimos no grupo PET Serviço Social realizar visita anterior ao dia da atividade às escolas, no sentido de conversar com professores e estudantes sobre os conteúdos que subsidiam o projeto. Esse encontro que antecedeu a atividade foi dividido em 3 momentos: no primeiro apresentamos o PET, no segundo debatemos o racismo a partir de partes de uma novela “Lado a lado” e do processo do tráfico negreiro, que gerou enriquecimento e as condições para a acumulação de riqueza nos países centrais, por último abordamos o sentido da capoeira na história e como a apresentamos na atividade (LARA; MARANHÃO, 2019; NETO; FILHO, 2013). Por fim, fizemos o convite para participação, com a intenção de mobilizar estudantes e professores para o momento de realização do projeto.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Logo, em 31 de outubro de 2023, numa escola de ensino fundamental da região próxima a universidade, realizamos o terceiro “Ginga na Escola”. A faixa etária dos estudantes que participaram foi de 11 e 13 anos. Na ocasião participaram em torno de 40 estudantes. A partir das perguntas para iniciarmos a discussão, os estudantes demonstraram muita curiosidade e interesse acerca da história e de como a capoeira se desenvolveu no período da colonização, bem como sobre seus objetivos e fundamentos naquele contexto. Avaliamos que o desenvolvimento dos grupos e dos cartazes, o estudo de cada tema e a adesão dos estudantes à atividade atingiu os objetivos do projeto. Porém, na realização desta intervenção alguns desafios foram identificados, como: o tempo para a realização de todas as etapas da atividade, a estrutura da quadra que dificultou a escuta nos momentos dos grupos e da apresentação.

Diante disso, visitamos a quarta escola, em 21 de novembro de 2023, no interior da metrópole, sendo a primeira experiência com estudantes do ensino médio. Desta atividade participaram em torno de 40 estudantes, na faixa etária de 15 a 17 anos de idade. Na ocasião, abordamos sobre a Revolta dos Malês, Insurreição de Queimados, Greve dos Queixadas, Balaiada, Quilombo dos Palmares e Revolta da Chibata, sendo a intenção principal da atividade uma roda de conversa para debater sobre racismo e seus desdobramentos, formas de luta antirracista, e, como podemos constituir uma educação antirracista nas escolas.

## 2.2. A experiência com o Ensino Médio e o *Ginga na Greve*:

Metodologicamente a execução foi dividida em três momentos: primeiro apresentamos em vídeo o samba enredo, 2019, da escola carioca Mangueira, *A história que a história não conta*, e, distribuimos a letra da música para acompanhamento pelos estudantes. Em seguida, abrimos uma roda de conversa sobre o samba e sobre o que é o racismo e as formas de luta antirracista. Os estudantes participaram da discussão e denunciaram, inclusive, situações de racismo reproduzidas entre eles no ambiente escolar. Estas situações foram abordadas durante a atividade, a partir da qual apontamos a direção da luta antirracista, explicando que o racismo hoje é ilegal no Brasil, mas sua presença estrutura as relações jurídicas, econômicas e institucionais em nossa sociedade (ALMEIDA, 2018).

Além da discussão sobre os aspectos que envolvem o Ginga, as estudantes do projeto apresentaram a Universidade Pública, as formas de ingresso na Universidade, as reformulações da nova Lei de Cotas e outros aspectos que são de interesse dessa faixa etária. Após esse



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

momento, foi realizada a roda de capoeira. A atividade foi desenvolvida e dividida de forma coletiva por todas as estudantes que participaram da formulação.

Uma outra vivência do *Ginga* se deu numa atividade efetuada na Universidade, em 17 de maio de 2024, tendo em vista o contexto da Greve Docente Federal. A atividade veio em formato de atividade de greve, apesar da ementa prever a atividade em escolas de ensino fundamental e médio, mantivemos boa parte dos objetivos específicos do *Ginga na Escola* no *Ginga na Greve*.

Neste formato fizemos três momentos: uma roda de conversa sobre as lutas sociais dialogando com a luta antirracista, a partir da produção de autoras negras como Lélia González, Angela Davis, Conceição Evaristo e Bell Hooks. Fizemos uma oficina de *ginga* com músicas de capoeira, movimentação e roda. Durante o diálogo refletimos sobre as lutas durante o período colonial no Brasil, sobre o conhecimento do processo de formação dos quilombos e a origem da Capoeira em nosso país (MOURA, 2022; NETO; FILHO, 2013). A partir do diálogo, os estudantes de nível superior participaram da atividade fazendo várias intervenções. Na ocasião, dialogamos sobre como o processo de luta de classes esteve presente ao longo do período colonial e levamos o público a questionar a perspectiva histórica contada por dominadores.

A partir dessa reflexão, relacionamos as formas de resistência com o período de greve dos docentes, com seus desdobramentos e contradições, e, a importância deste instrumento de luta da classe trabalhadora e seus desafios na atualidade. Ao finalizar este momento, o grupo realizou uma oficina de *ginga* e golpes, e no final uma roda de capoeira.

### **Conclusões:**

Entendemos o *Ginga na Escola* como a materialização de um projeto de extensão antirracista, sendo uma experiência que tem permitido aos estudantes de Serviço Social a reflexão sobre o racismo desde uma perspectiva crítica. Para isso, as estudantes do PET- Serviço Social precisam estudar sobre as Revoltas do período colonial, compreender aspectos da história deste período e desde uma visão avessa ao colonialismo. Além disso, a experiência tem sido protagonizada pelas estudantes negras do grupo, além de contar com a participação de todas as pessoas.

Além dos estudos e da preparação formativa, a atividade exige que as estudantes debatam sobre as metodologias pedagógicas da atividade, conforme a faixa etária de cada grupo. Ao abordar a temática do racismo e o antirracismo como seu oposto, abordamos sobre o acesso à saúde, moradia, educação, o acesso ao trabalho e as formas de trabalho na sociabilidade capitalista de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

hoje e como os privilégios quanto ao acesso à riqueza socialmente produzida está também determinado pelo racismo.

Assim como prevê o símbolo da *Sankofa*, que projeta o futuro sem esquecer o passado, é que percebemos a relação da luta dos escravizados e o protagonismo destes durante o período da colonização como parte da nossa história e da memória das lutas de classes do país. O que também significa apontar para o futuro e para as lutas que virão, numa perspectiva de unidade entre *classe, raça e gênero*.

Tivemos alguns desafios na formulação da atividade. Um deles foi a própria preparação das estudantes e docente, devido a ser recente o aprofundamento da discussão sobre as relações étnico-raciais. Haja vista que, a grade curricular do curso oferece somente uma disciplina optativa sobre questão étnico-racial, contando com a autonomia dos docentes em abordar o tema nas disciplinas; dessa forma, foi um exercício das estudantes do PET e da tutora a busca por bibliografias e mídias visuais para respaldar o debate. Há, também, algumas demandas estruturais, quanto a um grupo fixo de capoeira para acompanhar o grupo e sempre desafios com a solicitação de transportes na Universidade, cada vez mais restrito por falta de recursos.

Por conta da faixa etária, em cada escola a adesão se deu de diferentes formas, em uma aderiram mais a confecção de cartazes, em outra a musicalidade e corporalidade da capoeira e, em outro momento, a atividade por completo. Entendemos que é necessário a adaptação da atividade para cada espaço que vamos compor, sem perder de vista os objetivos e a essência do que é o *Ginga na Escola*, um projeto de extensão alinhado ao Serviço Social brasileiro e suas mediações mais recentes, desde seus fundamentos, com a compreensão das relações étnico-raciais e o compromisso com as lutas antirracistas.

### Referências:

ABEPSS. Subsídios para o debate da Questão étnico-racial na Formação profissional. Vitória. Dezembro de 2018. Disponível em: [http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio\\_debate\\_uestao\\_etnico\\_servico\\_soci22a-l-201812041419427146430.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_soci22a-l-201812041419427146430.pdf). Acesso em: 17/07/2024

ABEPSS. Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social. 1996. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/diretrizes-curriculares-da-abepss-10>. Acesso em: 15/07/2024

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BOSCHETTI, I.; BEHRING, E.R. **Capitalismo em crise, política social e direitos**. São Paulo: Cortez, 2010.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social. **Código de Ética dos Assistentes sociais**, 1993

CFESS. Assistente Social no combate ao preconceito – Caderno 3: “Racismo”. Brasília: CFESS, 2016.

ELPÍDIO, M.H.; VALDO, J.P.S. O Serviço Social na encruzilhada: a questão racial e o projeto de formação profissional. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, n.2, p. 316-333, jul. / dez, 2022.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 307p. [Título original: Las venas].

GONÇALVES, R. Quando a questão racial é o nó da questão social. **Katálisis**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514–522, set./dez. 2018.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial**: Espírito Santo. Vitória, 2023.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007

LARA, R.; MARANHÃO, C. Fundamentos do trabalho, questão social e serviço social. *In*: SOUZA, E. A.; SILVA, M.L. (org.). **Trabalho Questão social e serviço social**: a autofagia do capital. p. 37-60. São Paulo: Cortez, 2019.

LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARX; k.; ENGELS, F.; **Manifesto Comunista** [1848]. São Paulo: Boitempo, 2002.

MARINI, R. M. **Dialética da Dependência**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325–356, dez. 2017.

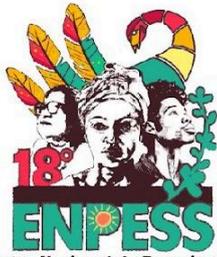
MOURA, C. **O negro**: de bom escravo a mau cidadão. 2. ed. São Paulo: Dandara Editora, 2021.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

NETO, J.O.F.; FILHO, FHC. CAPOEIRA, PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: CRÍTICAS E REFLEXÕES. **Políticas Culturais em Revista**, p. 6-21, 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/6986> >. Acesso em: 19/07/2024.

OLIVEIRA, R. N. SERVIÇO SOCIAL, GÊNERO, RAÇA E CLASSE: DO COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO À PRODUÇÃO CIENTÍFICA. **Revista Temporalis**, Brasília (DF), n. 46, p. 120-136 jul./dez. 2023.

PANDOLFI, A. F. Serviço Social brasileiro: na trincheira contra o avanço do fascismo. **Revista Temporalis**, Brasília (DF), n. 46, p. 154-172, jul./dez. 2023



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

ROCHA, R. da F. A Questão étnico-racial no processo de formação em serviço social. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 99, p.p. 54-56, jul./set. 2009.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba, corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati produções editoriais, 2002.